

O SÉTIMO SELO

1. Albino Marks

Com estas perspectivas analisemos a visão do profeta João relatada no capítulo 8 de Apocalipse: *“Quando o Cordeiro quebrou o sétimo selo, houve silêncio no céu durante quase meia hora. Então vi os sete anjos que estão em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas. Veio outro anjo e ficou em pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e lhe foi dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos. Então o anjo pegou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto. Então os sete anjos que tinham as sete trombetas se prepararam para tocar”* (Ap 8:1-6, NAA).

No capítulo 8 de Apocalipse, as cenas projetadas na tela do céu atmosférico na desolada ilha de Patmos retomam a visão dos sete selos, para revelar os acontecimentos que fazem parte do sétimo selo. Enquanto os seis primeiros selos predizem acontecimentos que ocorreram na Terra, desde os dias do apóstolo João até o glorioso acontecimento da volta de Jesus (Ap 6:14-17), a abertura do sétimo selo revela acontecimentos que inicialmente ocorrerão no Céu (Ap 8:1-6), e então, prediz acontecimentos que ocorrerão no Céu e na Terra, descrevendo de maneira mais detalhada o que ele viu no final do sexto selo, a volta de Jesus com glória e majestade (Ap 6:14-17).

Lembrando que a abertura dos sete selos pelo Cordeiro que foi morto, visto pelo profeta na tela do céu atmosférico, acontece realmente onde se encontra o trono de Deus, o Paraíso. O profeta liga: *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, aos *“sete anjos que estão em pé diante de Deus”*, isto é, no Paraíso, e também ao *“altar de ouro que está diante do trono”*, onde Jesus abre os sete selos e ministra no santuário celestial, também no Paraíso.

Portanto, os acontecimentos preditos pelo sétimo selo precisam ser entendidos, não como uma volta para o passado, e que devem ser interpretados à luz de relatos históricos, mas uma progressão para o futuro, como acontecimentos escatológicos, dando continuidade aos acontecimentos do sexto selo, com o desdobramento da visão da majestosa volta de Jesus (Ap 6:14-17), e prosseguindo até a vitória total de Deus e do Cordeiro sobre Satanás, no grande conflito cósmico espiritual, no final dos mil anos da prisão de Satanás e seus demônios.

Nas revelações feitas para o profeta João, a visão do capítulo 8 faz parte da visão que o profeta começou a acompanhar a partir do capítulo 4:1: *“depois destas coisas, olhei, e eis que havia uma porta*

aberta no céu (ouranos). Suba até aqui, e eu lhe mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas” (NAA) .

A partir dessa visão, acompanhou cenas projetadas no céu atmosférico da ilha de Patmos, mostrando o trono de Deus, o Cordeiro digno de abrir o livro dos selos, na sede do Universo, o Paraíso (Ap 5 e 6). Com a abertura do sexto selo, viu o grande terremoto que abalou Lisboa, o escurecimento do sol, da lua e a queda das estrelas, realmente ocorrendo na Terra e no céu sideral (Ap 6:12-14).

Então as cenas passaram para a segunda vinda de Jesus e a reação dos seres humanos diante do glorioso espetáculo (Ap 6:15-17).

No capítulo 7 , a cena retorna no tempo para pouco antes do fechamento da porta da graça e revela o selamento dos santos, na Terra, confirmando a certeza de sua salvação, a garantia de propriedade e proteção, como aconteceu com o sangue nos umbrais das portas dos lares israelitas, durante o período dos últimos sete flagelos sobre os ímpios, e passando para a sua recepção, no Paraíso. Tudo passa diante do profeta como um filme na tela do céu atmosférico, mas as cenas mostram acontecimentos que ocorrem na Terra, no céu sideral e no Paraíso.

No capítulo 8 , a cena retorna para a visão da abertura dos sete selos que acontece onde está o trono de Deus, no Paraíso, portanto o mesmo local da recepção dos santos, mas a projeção na tela atmosférica, retrocede para a abertura do sétimo selo.

Na visão da recepção dos salvos a cena é de movimento e muito regozijo. Mas, assim que o Cordeiro abre o sétimo selo, a tela do céu atmosférico e o ambiente onde se encontra o profeta é dominado por um profundo período de silêncio, *“durante quase meia hora”*, que em realidade acontece no Paraíso.

Os primeiros acontecimentos revelados com a abertura do sétimo selo, significativamente importantes, ocorrerão no Céu , o Paraíso . João revela em suas predições que a abertura do sétimo selo começa com o acontecimento de *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, seguido pela visão de *“sete anjos que estão em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas”* (Ap 8:1, 2, NAA).

Na sequência, João viu outro anjo com um incensário de ouro, junto ao altar, isto, no santuário celestial, com muito incenso para oferecer a Deus junto com as orações dos santos. O acontecimento tem lugar no santuário celestial, mas é realizado em favor dos santos aqui na Terra, que receberam o selo de Deus, visão relatada no capítulo 7, se unindo às suas orações em seu clamor a Deus para libertá-los do poder do pecado e sustentá-los em sua fé na esperança durante o período do toque das sete trombetas , que culmina com o retorno de Jesus,

Em seguida o anjo encheu o incensário com fogo do altar e lançou-o sobre a terra, e então acontece uma primeira manifestação poderosa

do poder e da Soberania de Deus: *“houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto”* (Ap 8:3-5, NVI).

O silêncio por *“quase meia hora”* no contexto das visões

Analiseemos o período de silêncio no contexto do modelo das visões do profeta. Entendendo que o profeta via os acontecimentos projetados na tela do firmamento, o céu atmosférico, mas a realidade, dependendo das cenas, ocorria em diferentes locais, podemos imaginar a sequência seguindo o relato do profeta.

A abertura do sétimo selo determina como primeiro acontecimento um período de *“silêncio no céu durante quase meia hora”*. Onde realmente acontece esse período de *“silêncio”*? Quando acontece? E, por que acontece esse momento de *“silêncio”*?

Onde acontece essa *“quase meia hora de silêncio”*?

O profeta relata: *“quando o Cordeiro quebrou o sétimo selo, houve silêncio no céu durante quase meia hora”*. (Ap 8:1, NAA).

Em Apocalipse 5:1, o profeta deixa bem evidente que a abertura dos sete selos acontece no local onde se encontra o trono de Deus: *“Então vi na mão direita daquele que está assentado no trono um livro em forma de rolo, escrito de ambos os lados e selado com sete selos”* (NVI).

O primeiro acontecimento relatado pelo profeta com a abertura do sétimo selo é o momento de silêncio *“durante quase meia hora”*, ocorrendo no Paraíso, porque é na mão direita de quem está assentado no trono que se encontra o rolo selado com sete selos, e é ali junto ao trono que o Cordeiro abre os sete selos. Na sequência, o profeta vê sete anjos a quem foram dadas sete trombetas; outro anjo com um incensário de ouro prepara-se para oferecer muito incenso com as orações dos santos; este anjo, enche o incensário com fogo do altar e o lança sobre a Terra; ouve-se então uma manifestação do poder soberano de Deus, e os sete anjos com as *“sete trombetas, preparam-se para tocá-las”* (Ap 8:6, NVI).

Como a abertura dos sete selos acontece no Paraíso, junto ao trono de Deus, mas que o profeta acompanha na tela do céu atmosférico, uma análise atenta conduz à compreensão de que os primeiros acontecimentos da abertura do sétimo selo, incluindo o *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, sucedem no Paraíso, onde se encontra o trono de Deus e o santuário, e, onde os exércitos do *“Reino dos Céus”*, anjos com as suas trombetas (Ap 8:2) e anjos com as taças da ira de Deus (Ap 16:1), estão em preparo para a batalha final do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

Quando acontece esse momento de silêncio?

Alguns estudiosos das Escrituras Sagradas interpretam que esse período de tempo refere a trasladação dos santos, da Terra ao Céu, apoiados nas declarações em *“Primeiros Escritos”*, páginas 16 e 110.

Analisemos a declaração da página 16 em seu contexto. No relato de sua primeira visão, Ellen G. White está descrevendo o glorioso acontecimento da segunda vinda de Jesus. Destaco alguns argumentos: *“Todos nós em silêncio solene olhávamos a nuvem que se aproximava, [...] enquanto em redor dela se achavam dez milhares de anjos, entoando um cântico agradabilíssimo; e sobre ela estava sentado o Filho do homem. [...] Todos nós exclamamos então: ‘Quem poderá estar em pé? Estão as minhas vestes sem mancha?’ Então os anjos cessaram de cantar, e houve algum tempo de terrível silêncio, quando Jesus falou: ‘Aqueles que têm mãos limpas e coração puro serão capazes de estar em pé; Minha graça vos basta’. [...] Houve um forte terremoto. As sepulturas se abriram, e os mortos saíram revestidos de imortalidade. [...] Todos nós entramos na nuvem, e estivemos sete dias ascendendo para o mar de vidro”* (PE, p.15, 16).

O texto relata a segunda vinda de Jesus, referindo a dois momentos de *silêncio*, não nos Céus, mas aqui na Terra. No primeiro momento, os santos em *silêncio*, estão acompanhando a vinda do cortejo celestial, e no segundo momento, os anjos cessam o seu cântico e um *“terrível silêncio”* precede a proclamação de Jesus de que os puros de coração, confiantes em Sua graça estão aptos para receber a recompensa de vida eterna em Seu Reino. Com a ressurreição de todos os que morreram na fé em Cristo, e a transformação dos santos vivos, refere à viagem de sete dias até o Céu, mas não declara que há *“silêncio no céu”* durante esse período. O mais importante, é que Ellen G. White não fundamenta o seu relato em Apocalipse 8:1. Ela descreve a sua visão dos acontecimentos, mas sem referir à *“cerca de meia hora de silêncio”*, relatada por João. Ela fundamenta o tempo da viagem na visão que lhe foi revelada.

No contexto em que João descreve esse período de *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, oferece algumas dificuldades para relacioná-lo com a visão de Ellen G. White. O período de *silêncio*, encontra-se na abertura do sétimo selo, isto é, é o primeiro acontecimento do sétimo selo. Depois desse período de *silêncio*, segue a visão de sete anjos com sete trombetas, o oferecimento do incenso a favor dos santos, o lançar do fogo do altar sobre a Terra, a poderosa proclamação do poder e da soberania de Deus e os sete anjos com as sete trombetas se preparando para tocá-las e, então, começa a sequência de acontecimentos ao soar de cada trombeta.

Portanto, entre o *silêncio* nos Céus e a volta de Jesus, e então, os santos subindo aos Céus, está a sequência que culmina com o toque das sete trombetas e das sete últimas pragas. Para oferecer coerência, o período de *silêncio* teria de fazer parte da sétima trombeta que anuncia: *“o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI). Entretanto, ele acontece antes de soar a primeira trombeta.

A visão da abertura do sétimo selo, com *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, mesmo não usada por Ellen G. White para fundamentar a sua declaração do tempo de viagem dos santos para o Céu, não anula a sua declaração. Pelo contrário, revela que Deus

omitiu a informação de Apocalipse 8:1, para Ellen G. White, porque o seu contexto identifica outro acontecimento.

No entanto, outra declaração de Ellen G. White em “Primeiros Escritos”, página 110, traz o argumento: *“todo o Céu estará vazio de anjos, enquanto os expectantes santos O estarão aguardando e com os olhos postos no Céu, [...]”*.

Essa declaração é feita também sem estar ancora da em Apocalipse 8:1. Para obter discernimento sobre a declaração é importante seguir o princípio bíblico comparando e analisando outras declarações e buscando compreensão nos fundamentos do texto sagrado.

A gloriosa recepção dos salvos

Ligando o relato da visão de Ellen G. White com o Salmo 24, encontramos alguns argumentos importantes. Às perguntas: *“Quem poderá estar em pé? Estão as minhas vestes sem mancha?”* (PE, p. 16) , encontram eco no verso 3 do Salmo 24: *“Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar?”* (NAA). E a resposta de Jesus: *“aqueles que têm mãos limpas e coração puro serão capazes de estar em pé; Minha graça vos basta”* (PE, p. 16) , estabelece harmonia com os versos 4 a 6 do Salmo 24: *“O que é limpo de mãos e puro de coração, [...] este receberá do Senhor a bênção e a justiça do Deus da salvação”* (NAA).

O Salmo 24, na sequência, relata o cortejo dos santos, precedido pelo Rei da Glória, chegando aos portais do Céu, e ouve-se então um majestoso responso entre os recepcionistas e os bem-vindos, proclamando: *“Levantem as suas cabeças, ó portas! Levantem-se, ó portais eternos, para que entre o Rei da glória”*. Os recepcionistas perguntam com a tônica que expressa exaltação pela vitória: *“Quem é o Rei da glória?”* (Sl 24:7, 8, NAA).

O responso somente pode acontecer porque, enquanto uma grande multidão do exército de anjos veio com Jesus para buscar os salvos, outra multidão permaneceu no Céu para o mais glorioso momento do plano da salvação: recepcionar e aclamar Cristo Jesus, o Rei da glória, vitorioso no grande conflito cósmico espiritual , trazendo os Seus troféus.

Os bem-vindos respondem com a proclamação do magnífico triunfo: *“o Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas”*, para repetir a majestosa aclamação da chegada do poderoso conquistador: *“Levantem as suas cabeças, ó portas! Levantem-se, ó portais eternos, para que entre o Rei da glória”* (Sl 24:8, 9, NAA).

Os recepcionistas insistem em tom de pergunta que confere toda a importância ao acontecimento; *“Quem é esse Rei da glória?”* E todo o Universo, bem-vindos e recepcionistas com brados retumbantes de alegria eterna, aclamam: *“o Senhor dos Exércitos, Ele é o Rei da glória”* (Sl 24:10, NAA).

Então, como o Todo-Poderoso vencedor, Jesus apresenta para o Universo os troféus conquistados com o amor eterno (Jr 31:3), e

concede a cada vencedor, pelo poder do *“sangue do Cordeiro”* (Ap 12:11), a coroa da vitória sobre o pecado .

Em seu livro, *“A História da Redenção”*, Ellen G. White descreve o glorioso momento da coroação dos salvos, antes, de em marcha triunfal transpor os *“portais eternos”*, entrando no Céu: *“Antes de entrar na cidade, os santos foram dispostos em um quadrado perfeito, com Jesus no centro. Ele de pé, com a cabeça e ombros acima dos santos, e acima dos anjos. Sua forma majestosa e o adorável rosto podiam ser vistos por todos no quadrado. [...] Vi então um grandíssimo número de anjos trazerem da cidade gloriosas coroas, sendo uma para cada santo, com seu nome escrito na mesma”* (HR, p. 412, 413).

O relato descreve a chegada de Jesus com os santos à entrada da cidade preparada para os salvos. E, *“então um grandíssimo número de anjos trazerem da cidade gloriosas coroas”*, para coroar os santos pela vitória sobre Satanás e o pecado pelo poder triunfante de Jesus.

No Céu, não haverá *silêncio* precedendo a recepção dos salvos, porque não é possível imaginar *silêncio* para o preparo de uma grande festa. E muito mais, para a festa da eternidade. Em visão, na minha mente, vejo representantes de todos os mundos, presentes nos Céus, para essa empolgante recepção. Estarão todos em *silêncio*, aguardando o maior momento para o Universo de Deus?

A visão de Ellen G. White, da volta de Jesus, é a primeira a ela revelada pouco depois do grande desapontamento em 1844, e publicada em 1846. Visões posteriores adicionaram detalhes mais abundantes sobre os acontecimentos finais e a segunda vinda de Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para trazer a recompensa de vida eterna para os justos salvos, e de condenação eterna para os pecadores rebeldes ao plano da salvação. No seu livro, *“O Grande Conflito”*, o relato da visão de *“Primeiros Escritos”* é repetido, com alguma variação nas palavras, mas omite a informação dos *“sete dias ascendendo para o mar de vidro”*.

O fato de não fazer referência ao acontecimento da viagem de sete dias dos salvos para o mar de vidro, em visões subsequentes, não invalida a informação. A questão importante, é não fundamentar a declaração em Apocalipse 8:1, porque João prediz um acontecimento que ocorrerá no Céu, na abertura do sétimo selo e não, no seu final. No relato de sua visão, Ellen G. White fala do acontecimento que fechará o sétimo selo. Portanto, são dois acontecimentos distintos, revelados em visões distintas, para dois profetas distintos.

Outro importante detalhe que precisa ser considerado é a sequência dos acontecimentos que abrange o período do sétimo selo, iniciando com o *“silêncio no céu durante quase meia hora”*; continuando com os sete anjos que recebem sete trombetas; o anjo trazendo um incensário de ouro e muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos; em seguida o anjo enche o incensário com fogo do altar e o lança sobre a Terra; e, em reposta à poderosa manifestação

do poder e da Soberania de Deus, *“os sete anjos, que tinham as sete trombetas, se prepararam para tocar”* (Ap 8:6, NAA), e os acontecimentos relacionados com a visão das sete trombetas, passam a se desenrolar na Terra (Ap 8:7-13, 9 e 11:15-19). A volta de Jesus e a viagem dos salvos para o Céu, acontece depois do toque da sétima trombeta e a execução da sétima praga.

Portanto, de acordo com Apocalipse 8:1, os acontecimentos do sétimo selo, terão o seu início com o período de *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, antes de soar a primeira trombeta e terminarão com o toque da sétima trombeta, a sétima praga e o acontecimento relatado por Ellen G. White de que, *“ todos nós entramos na nuvem, e estivemos sete dias ascendendo para o mar de vidro”* (PE, p. 16), mas esse período de tempo da viagem não está relacionado com o *silêncio* nos Céus.

O tempo de silêncio e a tristeza de Deus

Por que acontece esse período de tempo de silêncio? Os profetas e escritores do Novo Testamento, ancoram os argumentos de suas mensagens em relatos do Velho Testamento. Portanto, relacionando esse *“silêncio no céu durante quase meia hora”*, sete dias em tempo profético, com a destruição realizada por Deus com o dilúvio, encontramos um paralelo muito significativo. Por que Deus instruiu Noé, de que depois de ele entrar na arca, *“daqui a sete dias farei chover sobre a terra [...]”* (Gn 7:4, NVI).

Por que depois de sete dias? Moisés em Gênesis 6, informa: *“O Senhor viu que a maldade das pessoas havia se multiplicado na terra e que todo desígnio do coração deles era continuamente mau. Então o Senhor ficou triste por haver feito o ser humano na terra, e isso lhe pesou no coração. [...] O Senhor disse: Farei desaparecer da face da terra o ser humano que criei. Destruirei não apenas as pessoas, mas também os animais, os seres que rastejam e as aves dos céus; porque estou triste por havê-lo feito”* (Gn 6:5-7, NAA).

As declarações são muito explícitas relacionando a frustração de Deus, Sua profunda tristeza e os sete dias de espera para então destruir o que havia criado para o Seu deleite. Certamente houve tristeza e silêncio no Céu e em todo o Universo durante sete dias, ou, *“durante quase meia hora”*, antes de Deus fazer jorrar todas as fontes das grandes profundezas e abrir as comportas do céu (Gn 7:11), para com a Sua perfeita justiça executar o juízo e destruir os pecadores rebeldes e impenitentes. Deus estava profundamente triste por necessitar aniquilar as obras de Sua criação. Se Deus estava triste, certamente todo o Céu estava triste e em silêncio, isto é, todo o Universo. Essa tristeza, é frustração.

Atos de Deus executados com tristeza

A mesma situação se repetirá antes dos acontecimentos das sete trombetas e das últimas sete pragas. *“Porque o Senhor se levantará [...] para realizar a Sua obra, a sua obra alheia, e para executar a Sua tarefa, a Sua tarefa estranha”* (Is 28:21, NAA).

A destruição é uma obra alheia, estranha, para Deus que se deleita em criar. *“E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom”* (Gn 1:31, NVI).

Mas, para purificar o Universo das obras corruptoras de Satanás, terá de executar a estranha obra de destruir todas as criaturas e toda a criação realizada pelo poder de Sua Palavra, que se encontram neste planeta, porque tudo foi corrompido pela temporalidade do pecado.

A quem e o que Deus destruirá antes da restauração do Seu Reino no planeta Terra? *“Todo o que é chamado pelo Meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz”* (Is 43:7, NVI).

Destruir a todos aqueles que criara para glorificá-Lo, mas que recusaram o Seu plano e contra Ele se rebelaram, é um ato estranho para Deus e pesa em Seu coração.

Porém, a destruição atingirá outras criaturas criadas para a Sua glória: *“Você era o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de perfeita beleza. [...] Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso o designei. Você estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes. Você era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado”* (Ez 28:12, 14, 15, NVI).

Lúcifer, o portador de luz, que se transformou em Satanás, o destruidor, e a terça parte de anjos que a ele se uniu, será destruída. Deus não executará essa tarefa como um déspota insano, mas como o Deus da justiça e do amor eternos.

“Um conto rabínico sobre a travessia do Mar Vermelho diz: assim que o mar começou a afogar os egípcios. [...] Então a voz triste de Deus interveio, dizendo: ‘A obra das Minhas mãos, Minha criação, afundou no mar!’ O amor de Deus é tão grande que Ele não tem prazer na destruição, mesmo dos mais ímpios” (Lição da ESabatina, Edição do Professor, com comentários de Ellen G. White, Segundo Trimestre de 2021, p. 67, 68).

“Para o nosso misericordioso Deus, infligir castigo é um ato estranho. ‘Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso’ (Ez 33:11” (GC, p. 520)

A tristeza de Jesus

Quando Jesus, antes de Sua condenação à morte, entrou em Jerusalém, ao avistá-la ainda à distância, chorou e lamentou por causa da incredulidade daqueles que por Ele foram escolhidos para ser para Ele a Sua *“propriedade peculiar dentre todos os povos [...] um reino de sacerdotes e uma nação santa”* (Êx 19:5, 6, NAA), mas O rejeitaram.

“As lágrimas agonizantes de Cristo não foram derramadas apenas por Jerusalém. Ele chorou ao pensar na terrível retribuição que sobrevirá ao mundo impenitente” (MM, 2022, p. 239) .

Destruir, aniquilando totalmente aqueles que criou para a Sua glória, é um ato estranho que pesa, corta, o coração de Jesus.

Aproximava-se a hora de Jesus sofrer a Sua morte sacrifício em favor dos pecadores. Para três de Seus discípulos disse: *“a minha alma está profundamente triste, uma tristeza mortal”* (Mt 26:38, NVI).

Dois eram os motivos dessa profunda tristeza, mas que se fundem em um só. *“Agora, porém, parecia excluído da luz da mantenedora presença de Deus. Era então contado entre os transgressores. Devia suportar a culpa da humanidade caída. Sobre Aquele que não conheceu pecado, devia pesar a iniquidade da raça caída. Tão horrível Lhe parece o pecado, tão grande o peso da culpa que deve levar sobre Si, que é tentado a temer que ele O separe para sempre do amor do Pai. Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclama: ‘a Minha alma está profundamente triste até a morte’”* (DTN, p. 681).

A tristeza de Jesus se fundava na terrível malignidade do pecado, temendo que a culpa assumida de todos os transgressores, excedesse a grandeza de Sua justiça e de Sua vida sem pecado, separando-O *“para sempre do amor do Pai”*.

“Sua alma estava cheia do medo esmagador da separação de Deus em consequência do pecado. Satanás Lhe dissera que, se Ele se tornasse o substituto e Penhor por um mundo pecador, jamais voltaria a ser um com Deus, mas permaneceria sob seu controle” (MM, 2022, p. 331).

No entanto, a tristeza de Jesus também revelava os Seus mais profundos sentimentos pelos pecadores *“oprimidos pelo Diabo”* (At 10:38), para os quais viera ao mundo para os salvar, mas que rejeitaram a Sua dádiva de amor e graça: *“Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores”* (Mt 26:45, NVI).

“Cristo sofria vivamente sob maus tratos e insultos. Nas mãos dos seres que criara, e pelos quais estava fazendo imenso sacrifício, recebeu toda espécie de opróbrios. E sofreu proporcionalmente à perfeição de Sua santidade e ao Seu ódio pelo pecado. Seu julgamento por homens que agiam como demônios era-Lhe um sacrifício sem fim. Achar-se rodeado de criaturas humanas sob o domínio de Satanás, era-Lhe revoltante. E sabia que, num momento, por uma irradiação súbita de Seu divino poder, poderia reduzir a pó Seus cruéis atormentadores. Isso tornava a provação mais dura de sofrer” (DTN, p. 700).

“Cortava o Seu coração a ideia de que aqueles que Ele tentava salvar, aqueles a quem tanto amava, se unissem aos planos de Satanás. O conflito era terrível” (DTN, 687).

O pastor Zinaldo A. Santos resumiu em uma frase os motivos da tristeza de Jesus *“sentiu tristeza diante da incredulidade dos ouvintes e diante do amargo cálice que provaria”* (MM, 2020, p. 310).

Entretanto, a tristeza e o sofrimento não eram somente de Jesus: *“Mas Deus sofria com Seu Filho. Anjos contemplavam a agonia do Salvador. Viam seu Senhor circundado de legiões das forças satânicas, Sua natureza vergada ao peso de misterioso pavor que todo O fazia tremer. Houve silêncio no Céu. Nenhuma harpa soava. [...] O anjo não veio para tomar-Lhe o cálice das mãos, mas para fortalecê-Lo a fim de que o bebesse, com a certeza do amor do Pai. [...] Afirmou-Lhe que Seu Pai é maior e mais poderoso que Satanás, que Sua morte redundaria na inteira derrota do mesmo, e que o reino deste mundo seria dado aos santos do Altíssimo. Disse-Lhe que Ele veria o trabalho de Sua alma, e ficaria satisfeito, pois contemplaria uma multidão de membros da família humana salvos, eternamente salvos”* (DTN, p. 693, 694).

Deus declara: *“teria eu algum prazer na morte do ímpio? Palavra do Soberano, o Senhor. Ao contrário, acaso não me agrada vê-lo desviar-se dos seus caminhos e viver? [...] Pois não me agrada a morte de ninguém”* (Ez 18:23, 32, NVI).

Entretanto, como a justiça e o pecado não podem conviver eternamente, Deus determinou um dia em que todos os seres criados, celestes e humanos, que rejeitaram o Seu direito de propriedade, se rebelando contra Ele, ou, que foram comprados pelo sangue de Cristo, o incomparável ato e valor da Sua graça, da Sua justiça e do Seu amor, mas recusaram esta dádiva e a Sua proteção amorosa, desobedecendo à Sua lei, serão destruídos. Todas as obras criadas para proclamar a Sua glória como o Criador, mas que foram contaminadas pela temporalidade do pecado e todas as obras realizadas, que exaltam o orgulho humano sob o domínio do pecado, serão destruídas, quando Deus executar a Sua tarefa estranha e misteriosa (Is 28:21).

Essa *“durante quase meia hora de silêncio no céu”*, é o contraponto da gloriosa manifestação do Universo, quando no amanhecer do quarto dia de Suas atividades de criação na Terra, Deus dissipou a última camada de trevas, e abriu as cortinas do Seu canteiro de obras apresentando para o Universo o meio ambiente da Terra preparado para receber a vida animal e o ser humano, que foi criado para ser o seu administrador. Esta última criação de Deus, até aquele momento, deslumbrou o Universo. Um hino de louvor, de exaltação, de glorificação e de adoração ecoou nas arcadas celestes em reconhecimento ao Criador. Que espetáculo glorioso! *“Quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus gritavam de alegria”* (Jó 38:7, NAA).

Todavia, chegou o momento de destruir tudo isso. A decisão desse ato, pesa no coração de Deus e O deixa triste. Assim como aconteceu com o dilúvio, quando com pesar e tristeza em Seu coração, fez sobrevir a destruição, do mesmo modo, antes de executar a obra de purificação da temporalidade do pecado e dos pecadores impenitentes, o Universo dos Céus ficará em *“silêncio cerca de meia hora”*.

O silêncio é o fruto natural da tristeza. Os três amigos de Jó, que o visitaram durante o seu sofrimento, quando o viram, *“não o reconheceram. Então ergueram a voz e choraram. E cada um, rasgando o seu manto, lançavam pó ao ar sobre a cabeça. Sentaram-se com ele no chão durante sete dias e sete noites. E ninguém lhe disse uma só palavra, pois viram que a dor era muito grande”* (Jó 2:12, 13, NAA).

Confrontando a declaração: *“todo o Céu estará vazio de anjos, enquanto os expectantes santos O estarão aguardando e com os olhos postos no Céu”* (PE, p. 110), com a da “A História da Redenção”, citada acima: *“ Vi então um grandíssimo número de anjos trazerem da cidade gloriosas coroas”* (HR, p. 113), entende-se que esta harmoniza com a grandiosa recepção de Jesus e dos salvos, vaticinado no Salmo 24, em um majestoso responso de glorificação, entre os dois corais de anjos.

Entretanto, como o acontecimento da recepção dos salvos com um período de silêncio e vazio no Céu, ou não, não exerce nenhuma influência sobre a salvação dos remidos, porque somos salvos pela fé na graça revelada por meio de Cristo Jesus, vivamos com intensidade a nossa gloriosa esperança, para que, ao chegarmos lá, junto aos portais da cidade santa, recebamos a coroa da vida eterna de nossa vitória sobre Satanás e o pecado pela fé no poder de Jesus.

O arrependimento de Deus

A maioria das versões traduz Gênesis 6:6: *“arrependeu-se o Senhor”*, ou muito similar, para então expressar como Deus se sentiu. A “Nova Almeida Atualizada” substitui por: *“então o Senhor ficou triste por haver feito o ser humano na terra, e isso lhe pesou no coração”*. Unindo as duas expressões: *“então o Senhor ficou triste”*, e: *“isso lhe pesou no coração”*, ou como a “Nova Versão Internacional” e “A Bíblia de Jerusalém”, respectivamente traduzem: *“e isso cortou-lhe o coração”*, *“ e affligiu-se o seu coração”*, transmite a ideia de um profundo sentimento de tristeza, frustração, decepção.

Deus estabeleceu um plano perfeito e executou-o com grande amor, com toda a dedicação e com inexplicável excelência de perfeição. Entretanto, essa criação perfeita foi maculada, corrompida por um ato de violência, praticado pelo inimigo.

A frustração não é arrependimento no sentido de ter praticado um ato errado e arrepender-se por tê-lo praticado, mas é sentir-se profundamente afligido, porque a criação em que *“tudo havia ficado muito bom”* (Gn 1:31, NVI), perdeu todo o esplendor da sua perfeição, beleza e encanto e transformou-se em grande frustração.

Quem pratica um ato errado e sente que seu íntimo o acusa, envolvendo-o com tristeza, não quer repeti-lo. Essa tristeza, gera o arrependimento no sentido genuíno . O ato cometido atua na consciência como um aguilhão causando tristeza e uma batalha íntima buscando destruir o ato praticado. O que é alcançado

unicamente pela confissão sincera e contrita: *“um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás”* (Sl 51:17, NVI).

Quem pratica um ato errado e sente tristeza, não pelo ato em si, mas pelas consequências que este ato lançará contra ele, é envolvido por *“uma terrível expectativa de juízo”* (Hb 10:27, NVI), que gera o remorso.

Não foi isso o que aconteceu com Deus. Ele não se arrependeu do trabalho realizado. Pelo contrário, quando contemplou tudo o que havia realizado, culminando com a última criação: o planeta Terra transformado em exuberante jardim, exultou pelo que havia feito. No entanto, quando, de maneira incompreensível e inexplicável o *“que era muito bom”*, foi completamente desvirtuado, por criaturas criadas para glorificá-Lo, Ele teve um profundo sentimento de tristeza, provocado pela frustração de ver o seu plano realizado, destruído pela interferência do inimigo. Mas, como Deus eterno, onisciente e presciente, proclamou decididamente: *“vou fazer tudo novamente, de tal maneira que Minha tristeza desaparecerá totalmente. Jamais virá à Minha mente”* (Is 65:17).